

# **Reflexões Sobre a Religiosidade do Homem Africano: Uma Abordagem Filosófica, Teológica e Historiográfica.**

**Por: Bruno Domingos Mendiante**

## **Introdução**

Um dos domínios da vida humana é a religião, entendida como um sentimento do sagrado, a necessidade do homem se lidar com um Ser sobrenatural como forma de se afastar do caos e não correr o risco de ser domado pelo acaso. Este sentimento existiu desde o homem primitivo, manifestando-se de diversas formas nas diversas regiões e até mesmo na mesma região na medida em que os tempos iam se passando. O continente e o homem africano não foram poupados desse sentimento, encontraram, como em todas as partes e povos do mundo, uma forma de se relacionar com esse "Ser" Supremo representado por vezes de forma concreta (através duma árvore, rocha ou animal e.t.c ), ou de forma abstrata (sob forma de espírito). Porém, há debates entre os pensadores Europeístas dos quais se minimiza a religiosidade do africano aliando ao seu atraso no processo de evolução. É sobre esses debates que brotam as reflexões em torno da religiosidade do africano.

## **SOBRE A RELIGIÃO**

O que é Religião?

Etimologicamente, a palavra deriva quer do latim *relegere* («respeitar» e, por extensão, «prestar um culto»), quer do verbo *religare* que significa «religar» a religião constitui, então, um vínculo que une o homem a Deus como fonte da sua existência, particularmente segundo a tradição cristã. (Durozoi & Roussel, 2000: 327).

Analisando a definição acima, podemos encontrar no homem africano:

1. Atitudes de respeito pelo sagrado, que seria prostração ao divino, nesses termos encontramos um homem que reconhecendo a existência duma entidade superior a si, procura interagir com ele, recorre a ele, esta em sintonia com ele, vive nele, acredita nele, confia nele interagindo directa ou indirectamente.

Diretamente, quando o homem se prostra e dialoga numa perspectiva metafísica com o sobre natural;

Indirectamente, quando o homem se dirige ao sobre natural através de um intermediário

2. A consciência de estar ligado a um “Ser” supremo a quem deve cultuar.

A religião manifesta-se primeiro sob a forma de um fenómeno interior, um sentimento religioso que, apoiando-se geralmente no sentimento do sagrado, supõe, salvo algumas excepções (budismo, por exemplo), a crença em seres sobrenaturais ou num Deus pessoal (grandes religiões monoteístas, como o cristianismo ou o islão) com o reconhecimento da transcendência divina que implica uma atitude de adoração e de submissão perante Deus. (ibidem. pag 329).

Nesse caso a religião seria a explicação da crença em algo sagrado a quem se atribui ou detêm poderes sobre as coisas. Independentemente dessa consciência ser natural, no caso de o reconhecimento da existência do “Ser” Supremo basear-se simplesmente na razão, deísmo, ou nascer da revelação divina que por vezes desagua em textos sagrados

como é o caso da Bíblia e Corão das chamadas religiões positivas (Judaísmo, Cristianismo, islão).

Em algum momento, os pessimistas quanto a religiosidade do homem africano servem-se da ausência de textos escritos por parte das visões africanas para diabolizar as suas crenças. Como se o domínio dos textos sagrados fosse o único requisito ou pelo menos requisito para tornar alguém religioso.

### **SOBRE O "SER" SUPREMO**

Haverá, na essência, diferença nas atribuições desse "Ser" Supremo entre os homens ocidental, do médio oriente e africano?

Se para o homem ocidental esse "Ser", Deus (dito em português), é Todo poderoso, criador do céu e da terra, onisciente, onipotente, omnipresente, Uno, como disse Jesus: "Por que me chamas bom? Ninguém é bom se não um só, Deus". (Marcos; 10:18) e, para o homem do médio oriente esse "Ser", Allah (dito em árabe), é Único; "O Vosso Deus é Um só(...) na criação do céu e da terra(...)". (Alcorão 2;163,164). Absoluto, incomparável (Alcorão 112;1- 4). É também Para o africano, onisciente, onipotente, omnipresente, um Espírito, bom, compassivo, misericordioso, cada povo africano reconhece Deus como Uno. (Mbiti citado por Bono, 2014:70).

Para o caso dos povos bambara, do Mali, esse "Ser" Supremo designado por Maa Ngala, é criador de todas as coisas, Força infinita, Incognoscível, Incriado, Infinito, um Vazio vivo, o tempo infinito era a moradia desse Ser-Um. (Ki-zerbo,2011: 170).

Olhando pela ideia do "Ser" Supremo entre os três homens apresentados numa perspectiva comparada, encontramos mais semelhanças que diferenças e, se há alguma diferença faz todo um sentido pelo facto de cada homem pertencer a um certo grupo social sujeito a agir conforme as condições de todas as ordens impostas pelo meio onde se encontra, como afirma, por exemplo, Mbiti (idem), que em África não se define Deus como amor, talvez porque os africanos raramente falam de amor. Essa visão nos leva a discordar com Hegel quando define em sua filosofia da história que "a África não é um continente histórico; ela não demonstra nem mudança nem desenvolvimento". Os povos negros "são incapazes de se desenvolver e de receber uma educação. Eles foram sempre tal como os vemos hoje".

A infeliz afirmação de Hegel resulta da sobrevalorização da cultura incluindo a educação e religião do ocidente em relação à da africana.

A mesma intolerância foi manifestada por E. B. Tylor, apresentado por Mbiti como um dos primeiros estudiosos das religiões tradicionais africanas tendo as classificadas como "animistas", um conjunto de crenças segundo as quais todas as coisas têm uma alma, ou mesmo a prestação de culto à plantas, animais e outros seres inanimados. A posição de Tylor minimiza e ridiculariza a religião tradicional africana.

Voltemos à questão da essência

1. Se em algum momento o africano adorou a uma serpente ou árvore, os ocidentais (Grécia e Roma) cultuaram ídolos e adoraram ao sol. A essência estava na atribuição de poderes a esses elementos;
2. Se em algum momento os africanos preservaram os bosques sagrados e ergueram santuários por de baixo de árvores; o Cristianismo e o islam também preservaram montes sagrados, ergueram santuários em locais acreditados importantes para a história da sua fé;
3. Se em algum momento o africano realiza cultos (mukutho, em echuabo), fazendo oferendas aos espíritos dos seus antepassados os ocidentais também realizam cultos (missa para os católicos, que em echuabo é também mukutho), onde se reserva um espaço para o ofertório;
4. Se em algum momento o africano recorre aos seus antepassados idôneos evocando a chuva, suplicando saúde, sucessos nas diferentes frentes, o ocidental também sob forma de ladainhas recorre aos anjos e santos, estes últimos entendidos como seus antepassados na fé, a proteção e interseção perante a Deus;
5. Se para o africano é "magia", para o ocidental é "milagre";
6. Se para o africano são os amuletos (objectos com algum poder de protecção, e,t,c), para o ocidental são santinhos, relíquias, água benta, pedacinhos de objetos de santos, crucifixo, e,t,c;

7. Quanto à ideia da origem da terra e do homem, ambos acreditam na criação através de Um "Ser" supremo sendo para o africano, o exemplo da tradição dos bambaras do antigo Reino do Mali que nos ritos de iniciação era transmitido o conhecimento sobre a origem da terra e do homem através da oralidade sendo entoadas as seguintes palavras:

*"Maa Ngala! Maa Ngala!*

*Quem é Maa Ngala?*

*Onde está Maa Ngala?"*

O chantre do Komo respondia:

*" Maa Ngala é a força infinita.*

*Ninguém pode situá-lo no tempo e no espaço.*

*Ele é Dombali (Incognoscível)*

*Dambali (Incriado - Infinito)".*

Então, após a iniciação, começava a narração da gênese primordial:

*" Não havia nada senão um Ser*

*Este Ser era um vazio vivo,*

*A incubar potencialmente as existências possíveis.*

*O tempo infinito era a moradia desse Ser-Um.*

*O Ser-Um chamou-se de Maa Ngala.*

*Entao ele criou "Fanó,*

*Um Ovo maravilhoso com nove divisões*

*No qual introduziu os nove estados fundamentais da existência.*

*Quando o Ovo primordial chocou, dele nasceram vinte seres fabulosos que constituíram a totalidade do universo, a soma total das forças existentes do conhecimento possível.*

*Mas, ai, Nenhuma dessas vinte primeiras criaturas revelou-se apta a tornar-se o interlocutor (kuma-nyon) que Maa Ngala havia desejado para si.*

*Assim, ele tomou de uma parcela de cada uma dessas vinte criaturas existentes e misturou-as; então, insuflando na mistura uma centelha de seu próprio hálito ígneo, criou um novo ser, o Homem, a quem deu uma parte do seu próprio nome: Maa (...), Maa, o Homem, recebeu de herança uma parte do poder criador divino,*

*o dom da mente e da palavra (...) Ele o intitulou guardião do Universo e o encarregou de zelar pela conservação da Harmonia universal”.*

*In História Geral de África Vol. I pg 170*

Essa era a concepção africana da origem do Homem transmitida por via oral de geração em geração. Concepção que comparada com a Cristã e Islã registadas nas suas sagradas escrituras, essencialmente reúnem consenso sobre questões como:

- a) O Homem é fruto de criação divina;
- b) O Homem é o ser mais próximo do Criador;
- c) O Homem foi dado a responsabilidade de dominar a terra (continuar com o projecto da criação)

Posto isso levantamos as seguintes questões;

- O Homem africano não tinha consciência da existência de Deus (era kafiri ou ateu) antes da chegada dos árabes e europeus?
- O que é que faltou para que o africano fosse considerado religioso/crente?
- Será que o africano abandonou suas crenças, modus religiosos, em detrimento do cristianismo e islão?

O problema que ocidente coloca na religiosidade do homem africano não é isolado do ponto de vista de fatores que com as outras áreas de domínio humano como a política, a economia e cultura. A questão de fundo é ser negro (entendido como inferior ao branco), símbolo das trevas, então tudo em volta do negro é distanciado do bom e aproximado ao mal, ao mesquinho, ao insignificante, ao anônimo.

Segundo Professor Castiano, os negros sempre foram usados como informadores anônimos e, estão cansados de ser objectivados. Por isso mesmo, propõe-se a remoção dessa barreira para se aceder a intersubjectividade, onde há abertura e respeito pelo outro como condição para que, cada povo incluindo o negro constitua e viva a sua própria história e haja precisão na busca da verdade.

Há uma necessidade de debater com profundidade os reais significados de certos conceitos para devolver o valor da religiosidade africana, por exemplo:

- Descolonizar o conceito de religião;
- Desconstruir a teoria psicológica da colonização, sobretudo, a tese do cristianismo evangélico;
- Desajustar o modelo de crença do africano aos estágios de evolução humana apresentada pelo positivismo de Comte;